

# RESENHA: *OFICINA DE LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR: HOMENAGEM A LUIZ PAULO DA MOITA LOPES*

## Mariana Alves

Mestranda em Linguística Aplicada,  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, UFRGS  
marianaalves.ufrgs@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-7960-643X>

## Eduardo Ogliari Boaria

Mestrando em Linguística Aplicada,  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, UFRGS  
eduardooboaria@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0009-0617-3870>

## Raíssa Gabriela Morés

Mestranda em Análises textuais,  
discursivas e enunciativas,  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, UFRGS  
raissagmores@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0009-3824-8208>

**Título:** *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*

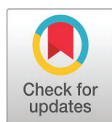
**Organizadores:** Branca Falabella Fabricio e Rodrigo Borba

**Editora:** Unicamp

**Ano de publicação:** 2023

**N.º de páginas:** 336

**ISBN:** 8526816152



Esta homenagem ao linguista aplicado Luiz Paulo da Moita Lopes promove uma relação entre seus capítulos e a conceituada produção do autor. Composto por uma coletânea de dez capítulos, o livro convida os leitores a um mergulho profundo na noção de indisciplina proposta por Moita Lopes. Ainda que faça uso de diferentes gêneros do discurso, como artigos e ensaios, para analisar diferentes temáticas, o ponto em comum de todos eles é o reconhecimento e a valorização da contribuição de Moita Lopes para os estudos em linguística aplicada (doravante LA) no Brasil.

Luiz Paulo da Moita Lopes é um renomado estudioso brasileiro, atualmente professor titular do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É pioneiro do que hoje entende-se no cenário acadêmico no Brasil por linguística aplicada. Em um dos seus mais relevantes trabalhos, *Por uma linguística aplicada indisciplinar* (Moita Lopes, 2006), o autor apresentou a teoria revolucionária que compreende a linguística aplicada como um campo sem fronteiras delimitadas, isto é, indisciplinar. Nas palavras do autor:

[A linguística aplicada] é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (Fabrício, 2006) para compreender o mundo atual. (Moita Lopes, 2009, p. 19)

Dessa maneira, Moita Lopes proporcionou aos pesquisadores da área, por meio dessa obra, um novo norte para se fazer LA, dando nome a uma prática que era difícil de descrever e, mais ainda, definir. Segundo ele,

É uma LA que deseja, sobretudo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos

Recebido: 2024-04-22 / Aceito: 2024-06-06 / Publicado: 2024-06-15

<https://doi.org/10.17533/udea.ikala.356965>

Editora: Luanda Sito, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia.

Direitos patrimoniais, Universidad de Antioquia, 2024. Este é um artigo de acesso aberto, distribuído sob a licença da Creative Commons BY-NC-SA 4.0 Internacional



formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização [sic] que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos. (Moita Lopes, 2009, p. 19)

Diante disso, entende-se a necessidade de uma homenagem a Moita Lopes, que colocou a INdisciplinaridade da LA no mapa dos estudos contemporâneos brasileiros e, desde então, segue sendo um nome de referência para pesquisadores que não querem aplicar a linguística, mas “compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial” (Moita Lopes, 2006, p. 102).

Consideramos o volume *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes* uma justa e merecida homenagem. As relações estritas que a maioria dos capítulos estabelecem com a teoria do pesquisador expandem as noções atuais de LA e, de fato, dão concretude à noção de INdisciplina que o pesquisador da UFRJ cunhou.

Em paralelo com a breve biografia que apresentamos de Moita Lopes e seu impacto no cenário de pesquisa da LA brasileira, o livro apresenta-se como uma concretização de uma mudança epistemológica da LA que vem se construindo nas últimas décadas. Essa LA não vê a área como a aplicação de conhecimentos da linguística à solução de problemas de língua, mas procura estabelecer diálogos com todas as fontes possíveis de conhecimento para discutir situações em que a linguagem é um elemento central e, acima de tudo, essa LA tem em vista a justiça social.

Os organizadores dessa homenagem, Branca Falabella Fabrício e Rodrigo Borba, são pesquisadores e professores do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ e têm contribuído significativamente para o avanço dos estudos linguísticos e aplicados, sendo reconhecidos por suas pesquisas e publicações de alto impacto. No capítulo de abertura do livro, intitulado “Errâncias Indisciplinares:

entre rastros, ruínas e reconstruções”, Borba e Fabrício analisam a fotografia de Ratão Diniz, cujas lentes captaram alguns graffitis em escombros de demolição no Morro do Alemão (Diniz, 2014, pp. 54-55), um bairro no qual está localizado um dos maiores conjuntos de favelas da Zona da Leopoldina, ao Norte do município do Rio de Janeiro. Procurando pensar nas ruínas como metáfora para a concepção de “INDisciplina”, os autores exploram esse conceito para construir as relações com os textos que compõem o volume e os aspectos positivos que agregam aos estudos em LA. Borba e Fabrício advertem que há de se ter cuidado ao utilizar o termo “INDisciplina”, pois o uso simplificado, indicando desobediência ou insubordinação, pode banalizar a potência de inovação e de integração entre campos amplos das diferentes áreas do conhecimento.

As ruínas da imagem, no sentido da metáfora criada, são as disciplinas que se mantêm rígidas e inflexíveis no mundo em que vivemos e que seguem intactas no fazer acadêmico, apesar de suas limitações. Nesse raciocínio, tanto a obra de Ratão Diniz quanto a de Moita Lopes propõem que o trajeto se dê pelos aspectos marginais, sugerindo que nos mantenhamos alertas aos sujeitos e às suas relações construídas nas sombras, nos cantos, nos escombros. A partir dessa metáfora, os autores agruparam os capítulos do livro em “ruínas amalgamadas” que refletem sobre diferentes paradigmas da produção acadêmica na contemporaneidade.

Nossa opção de organização da presente resenha foi, então, a de seguir a trilha de ruínas proposta por Borba e Fabrício. Selecionamos capítulos que consideramos que contribuem para a compreensão e expansão do conceito de INdisciplina, unidade temática escolhida para a resenha, e exploramos os diálogos estabelecidos com a teoria originalmente proposta.

“Nas ruínas do conhecimento” propõe uma reflexão a partir da ideia de conhecimento objetivo enquanto um dos principais pilares da modernidade. Compõe essa ruína o capítulo 6, intitulado

“A disciplina chamada Linguística e as contribuições de Luiz Paulo da Moita Lopes”, escrito por Kanavillil Rajagopalan. O autor revisita os avanços do campo da LA e as contribuições do homenageado para a área, além de discutir os futuros passos da LA rumo à emancipação da linguística geral. O texto inicia comparando a LA com o Sacro império romano, uma vez que, de acordo com historiadores, ele não era nem sacro, nem império, nem romano. Rajagopalan, a partir dessa analogia, defende que a área “que se convencionou chamar de LA não é nem linguística, nem aplicada e, graças à insistência de pesquisadores como Luiz Paulo da Moita Lopes, tampouco pode ser considerada uma disciplina acadêmica no pleno rigor desse termo” (Rajagopalan, 2023, p. 193).

Seguindo o tom religioso adotado, o autor convoca os jovens pesquisadores de LA a conhecerem os avanços do campo até então e lhes entrega a missão de carregar o “calvário” rumo à emancipação. O calvário a que se refere é constituído de três etapas, “que correspondem a cada um dos três termos que compõem o nome dado ao campo de pesquisa: linguística, aplicação e disciplina” (Rajagopalan, 2023, p. 196). Há um consenso emergente de que o campo não se configura como uma disciplina nos moldes convencionais, ou seja, não é rigidamente delimitada em termos do que pode ou não ser explorado em sua jurisdição, tópico que é discutido com profundidade ao longo do percurso histórico da área.

Nesse sentido, para Rajagopalan, a obra *Por uma linguística aplicada Indisciplinar* (Moita Lopes, 2006) não apenas reflete um tom marcado pela resistência, mas representa um verdadeiro chamado à ação. De acordo com o autor do capítulo, a obra questiona a institucionalização restritiva da pesquisa e convoca os pesquisadores a adotarem uma postura crítica em relação à própria prática investigativa. Portanto, a contribuição de Moita Lopes para o campo instiga uma reflexão sobre o engajamento com a vida social, que por muito tempo foi relegado em nome de uma suposta neutralidade científica.

“Nas ruínas da representação” amalgama dois ensaios que problematizam a ideia de linguagem enquanto representação da realidade. Compõem essa ruína os capítulos 3 e 10: Célia Magalhães, no capítulo 3, pensa na intersecção entre signos imagéticos e linguísticos em um livro de história ilustrado para crianças; Roxane Rojo, no capítulo 10, questiona os conceitos de “estase” e “fixidez de sentidos” em imagens.

“Nas ruínas de espaços e tempos” traz análises de interações cotidianas. Compõem essa ruína os capítulos 4 — “(Des)construções das categorias identitárias mulher “de verdade” e mulher “feminista” em página do Instagram” — e 7 — intitulado “Caminhos narrativos - entrelaçando cronotopos na construção de identidades em reuniões de trabalho”, de Liliana Cabral Bastos —, dos quais destacamos o primeiro.

“(Des)construções das categorias identitárias mulher “de verdade” e mulher “feminista” em página do Instagram”, é um artigo de autoria de Inês Signorini e Fabiana Biondo. Utilizando a “etnografia para internet”, conforme Hine (2009; 2015), as autoras analisam debates *online* em dois *posts* na página *Quebrando o tabu*, disponível no Instagram. Partindo do referencial teórico de Butler (2003; 2004; 2018) e Louro (2008) a respeito da relação entre linguagem e poder, linguagem e performatividade e do ensaio de outras identidades sociais de gênero por meio de eventos de linguagem, o texto vai ao encontro da extensa bibliografia do homenageado do livro, pois tem o objetivo expresso de “criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento” (Moita Lopes, 2006, p. 86). Entendemos que as autoras criam inteligibilidade sobre a vida contemporânea ao discutir de que maneira as categorias de gênero e, principalmente as noções de mulher “de verdade” e “feminista”, são mobilizadas nos discursos de pessoas que comentaram nos *posts* analisados para cumprir um propósito ideológico. Dessa maneira, as autoras discutem práticas sociais de linguagem, como gênero e performatividade, o que contribui para a visão Indisciplinar de LA.

“Nas ruínas das fronteiras” apresenta textos que enfocam fluxos de imigração atuais. Compõem essa ruína os capítulos 2 e 9.

Ben Rampton, em seu texto “Sociolinguística, (in) segurança e prática cotidiana” — capítulo 2 —, reflete a respeito das relações de linguagem e segurança, analisando a linguagem e os discursos em momentos e lugares nos quais sujeitos caracterizam outros como inimigos e falam sobre ameaças à sua própria existência. Com esse objetivo, Rampton resgata seu próprio trabalho de 1995, no qual analisou práticas comunicativas cotidianas em um bairro multiétnico do sul da Inglaterra dos anos 80. Nesse contexto, raça e antirracismo eram pautas sobrepostas a todas as outras e predominavam tanto o cotidiano quanto a mídia, a opinião pública e a política educacional.

4 Para compreender de que modo os conceitos segurança pública, agenda nacional, racismo, imigração e ideologia se cruzam no contexto britânico, Rampton faz uso do conceito “comunicação cotidiana” para diferenciar os discursos gerados pelas elites no governo e na mídia daqueles que as pessoas produzem fora desses espaços de monitoramento, ao que ele se refere como “vida real” (Rampton, 2023). Aproximando a dimensão prática da teórica, o autor questiona se a sociolinguística é viável para analisar contextos espinhosos como esse. Rampton aprofunda a sua investigação ao tratar dos conceitos de “securitização” e “inimigo” a partir do estudo das relações internacionais, especialmente da estreita relação entre a noção de “inimigo” e de “Outro”, comumente associado a identidades de grupos de baixo prestígio. O caso dos cipriotas gregos que aprendem turco elucidado esse campo de disputa de linguagem e nos permite enxergar, a partir de uma etnografia linguística, aspectos como os efeitos do posicionamento institucional do turco, as estratégias pedagógicas dos/as professores/as, a flexibilidade do idioma em termos de índices e modulações interacionais que enquadram o aprendizado do turco em sala de aula. Rampton amplia nossos entendimentos

a respeito do trabalho realizado por linguistas aplicados e nos convidam a adentrar um terreno geopolítico espinhoso e controverso.

O capítulo 9, “Construções de narrativas sobre migrantes haitianos em espaços eletrônicos de comunicação: reações e resistência”, escrito por Marilda C. Cavalcanti e Ana Cecília Cossi Bizon, oferece uma reflexão profunda sobre a representação midiática dos imigrantes haitianos ao longo do período de 2004 a 2017. Utilizando uma abordagem qualitativo-interpretativista, o estudo está firmemente enraizado na LA Indisciplinar, em diálogo com os estudos culturais e vertentes da sociolinguística voltadas para a complexidade na era da globalização. As autoras propõem uma análise crítica do papel da mídia e dos impactos das representações midiáticas na construção do sentido social dos migrantes, destacando a necessidade de políticas de inserção que sejam humanizadas e emancipatórias. Elas reconhecem o potencial da mídia como uma aliada na construção de resistência contra representações excludentes e projetos precarizados de reterritorialização, buscando promover reações de agenciamento mais emancipatórias.

“Nas ruínas da disciplina” e “Nas ruínas da ontologia” dizem respeito ao capítulo 1, de Alastair Pennycook. O autor problematiza os conceitos de “interdisciplinaridade” e “transdisciplinariedade” e reflete sobre as noções de disciplina que acompanham cada um.

“Nas ruínas da estabilidade” busca pensar sobre a problemática das disciplinas construir saberes que aprisionam e que, por consequência, possuem uma ingenuidade técnica, pois enquadram a dinamicidade da realidade nas celas e regras disciplinares. Compõem essa ruína os capítulos 5 — “Reflexões indisciplinadas sobre epistemologia em linguística”, de José Luiz Fiorin — e 8, dos quais destacamos o segundo como contraponto ao restante do volume, visto que parece nadar contra a maré Indisciplinada do livro e da teoria proposta por Moita Lopes como um todo.

Maria Eugenia Lammoglia Duarte, que assina autoria de “Mas que sintaxe “indisciplinada”!!!”, propõe um artigo a respeito da sintaxe da língua oral e língua escrita. Como aporte histórico, Duarte enfatiza que, no século XIX, houve “um movimento consciente de mudança de norma, em direção às praticadas em terras lusitanas” (Duarte, 2023, p. 242), o que resultou em uma “força política e cultural que acabou por aprofundar a natural distância entre a escrita e a fala no Brasil” (Duarte, 2023, p. 243). A consequência disso, segundo a autora, é uma gramática endógena que ganha espaço em detrimento de uma gramática exógena, pois “[a] escrita brasileira vai, espertamente, encontrando caminhos para “burlar” essas normas, inserindo nossos usos, que, de tão familiares, mal são percebidos pelos guardiões do idioma” (Duarte, 2023, p. 248).

Na continuidade do texto, Duarte apresenta exemplos de crônicas, artigos de opinião e reportagens publicados em jornal para dar concretude à argumentação a respeito de clíticos (próclise, ênclise e mesóclise, assim como clíticos para referência à 3ª pessoa [o, a], [lhe]) e de usos que eram considerados apenas informais (tais como o par *você/a gente*) e que, agora, de certo modo, estão gramaticalizados em veículos de comunicação que antes previam a norma padrão europeia. A autora conclui que a tal sintaxe *Indisciplinada*, isto é, a gramática endógena, acabará por vencer a batalha contra a gramática exógena.

Apesar de apresentar críticas contundentes ao ensino atual de língua portuguesa — que é prejudicado por ter a pressão normativa lusitana como enfoque —, aos “guardiões do idioma” e aos “zelosos professores”, o texto de Duarte discute práticas linguageiras, dando enfoque aos embates políticos que envolvem a língua enquanto sistema de estruturas e o ensino de língua na escola. Temos, portanto, um texto que prevê um comentário a respeito da *Indisciplinada* da sintaxe, mas que, ao final, abrange a sintaxe do ponto de vista *Disciplinado*, pois não alavanca o debate para

questões sociais mais amplas nas quais a linguagem tem papel central, como prevê Moita Lopes.

Fabrizio e Borba, ao final de seu capítulo introdutório, posteriormente à apresentação das amálgamas, intitulam como “Eles passarão, eu passarinho” o convite à celebração da obra de Luiz Paulo da Moita Lopes, cuja contribuição não se restringe à transformação do campo, mas se estende à institucionalização da LA no Brasil. Como podemos observar, as obras que compõem esse volume convocam os seus leitores a caminhar criticamente pelos escombros das disciplinas que a obra de Moita Lopes nos incita a enxergar.

Nos parece que os estudos aqui presentes destinam-se a leitores-pesquisadores que querem saber mais sobre uma outra possibilidade de investigação na LA, a qual já repensou seu objeto de estudo — a linguagem, e não a língua — e está em processo de delimitação de fronteiras, mesmo que porosas. Dessa maneira, ao praticar a *Indisciplinada* com estudos de gênero e performatividade, de análise discursivas de categorias identitárias, de representação midiática dos imigrantes, das relações linguístico-sociais entre “securitização” e o “inimigo”, entre outros, os autores do volume convocam uma nova geração de linguistas aplicados a voltarem seus interesses para “práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial” (Moita Lopes, 2006, p. 102).

## Referências

- Butler, J. (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2004) *Undoing gender*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203499627>
- Butler, J. (2018) *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira.
- Diniz, R (2014). *Em foto*. Mórula Editorial. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020140101>
- Duarte, M. E. L. D. (2023). Mas que sintaxe “indisciplinada”!!! In: B. F. Fabrizio; R. Borba (orgs.) *Oficina de*

*linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. (pp. 241-266).

Hine, C. (2009) How can qualitative internet researchers define the boundaries of their Project? In: A. Markham; N. K. Baym (Orgs.). *Internet inquiry: Conversations about method* (pp. 1-20). Sage.

Hine, C. (2015) *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury.

Louro, G. L. (2008) Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições, Campinas*, 19 (2/56), 17-23. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>

Rajagopalan, K. (2023). A disciplina chamada linguística aplicada e as contribuições de Luiz Paulo da Moita Lopes.

In B. F. Fabrício; R. Borba (Orgs.), *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. (pp. 193-212).

Rampton, B. (2023). Sociolinguística: (in)segurança e prática cotidiana. In: B. F. Fabrício; R. Borba (orgs.) *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. p. 79-104.

Moita Lopes, L. P. (2006). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. Parábola.

Moita Lopes, L. P. (2009). Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In R. C. Pereira e P. Roca (orgs.). *Linguística aplicada: um caminho com muitos acessos* (pp. 11-24). Contexto.

**Como citar esta resenha:** Alves, M., Boaria, E. O., e Morés, R. G. (2024). Resenha: *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. *Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura*, 29(2), 1-6. <https://doi.org/10.17533.udea.ikala.356965>